



O Amanuense Belmiro

Cyro dos Anjos

A época: contexto histórico

A segunda geração — ou segundo tempo — do Modernismo brasileiro estende-se, segundo a crítica, de 1930 a 1945. É uma época marcada por grandes acontecimentos no Brasil e no mundo; entre eles se destacam:

- A crise da Bolsa de Nova Iorque, em 1929, a qual provocou a depressão no mundo capitalista. No Brasil, sucedem-se crises econômicas, como a "crise do café", causada pela queda no preço e nas exportações, levando ao fechamento de fábricas, salários baixos, desemprego e causando pânico, fome e desesperança entre o povo.
- A Revolução de 1930 no Brasil, a qual envolveu, de um lado, parte da oligarquia brasileira — insatisfeita com o predomínio dos senhores do café e apoiada por outros setores descontentes da sociedade, como os jovens tenentes e as classes médias urbanas — e, de outro, governantes da República Velha, opondo a Aliança Liberal à República Velha e contribuindo para a ascensão de Getúlio Vargas ao poder. O nono governo de Vargas se marcaria, entre outros fatos:
 - pela centralização do poder, que levaria ao fim da autonomia dos Estados.
 - pelas medidas em prol da industrialização;
 - pelo autoritarismo, manifestado através da repressão, de torturas, de exílio para os opositores do governo;
 - pelo cerceamento da produção cultural, através da censura prévia;
 - pela popularização do futebol e oficialização do carnaval;
 - pela época áurea do rádio, o primeiro meio de comunicação de massa no Brasil;
 - pelo aparecimento do samba-canção e autores como Noel Rosa, Pixinguinha, Ataulfo Alves, Dorival Caymmi, Francisco Alves, Carmem Miranda, Vicente Celestino;
- Em 1932, a Revolução Constitucionalista em São Paulo significaria uma tentativa de reconquistar a hegemonia perdida, com o pretexto de exigir a constitucionalização do país;
- O ano de 1935 seria marcado pelo movimento comunista em prol da instauração do Socialismo no país e a Aliança Nacional Libertadora;
- Em 1938, aconteceria a Revolta Integralista, com o combate ao Comunismo e a proposta de organização de um Estado forte, baseado nas corporações profissionais;
- Em 1942, ocorre a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, a favor do Aliados, com a declaração de guerra à Itália e à Alemanha;
- O ano de 1944 marcaria a partida da Força Expedicionária Brasileira para a Itália;
- 1945 é o ano do fim da Segunda Guerra Mundial e da queda de Getúlio Vargas, com o fim do Estado Novo e a eleição de Eurico Gaspar Dutra.

A época: o segundo tempo modernista no Brasil

A Segunda geração do Modernismo brasileiro, de 1930 a 1945, constitui um período subsequente ao Modernismo propriamente dito, inaugurado com a Semana de Arte Moderna em 1922.

A literatura, nesta fase, vai procurar consolidar as conquistas de 1922, absorvendo as novas formas e a liberdade de expressão e recuando em relação às propostas mais radicais. O plano ideológico vai sobrepor-se ao plano estético, enquanto a temática amplia-se, caminhando para o universal. Desse modo, a produção literária percorre caminhos diferentes, que ilustram a riqueza e a fecundidade do período, em que se destacam:

- A poesia de cunho filosófico-ideológico de Carlos Drummond de Andrade;
- A poesia de cunho espiritualista católico do grupo "Festa", em que se reuniram nomes como Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Jorge de Lima, Augusto Frederico Schmidt;
- A poesia de inspiração surrealista de Murilo Mendes;
- A prosa regionalista nordestina, de cunho neo-realista, que reuniu o chamado "grupo do nordeste", com autores como Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, José Américo de Almeida, entre outros;
- A prosa psicológica de caráter intimista e introspectivo cultivada por Érico Veríssimo (em sua obra urbana), Otávio de Faria, Cornélio Pena, Lúcio Cardoso, entre outros, e à qual se filia Cyro dos Anjos.

Como se vê, se de um lado o romance de 30 retalha e analisa a questão social do País, de norte a sul, por outro também reflete de maneira mais detida sobre o comportamento humano moral e psicológico.

O romance cultivado nesse período sofre influências do realismo-naturalismo do Século XIX. É por essa razão que essa geração é também chamada de Geração Neo-

Realista. Produz-se, assim, uma prosa compromissada, engajada, que se marca pela análise, crítica e denúncia social, sugerindo a procura de soluções para as questões apresentadas.

O crítico Alfredo Bosi assim se refere à época:

"Os decênios de 30 e de 40 serão lembrados como a "era do romance brasileiro", E não só da ficção regionalista, mas também da prosa cosmopolita e das páginas de sondagem psicológica e moral.

Os abalos que sofreu a vida brasileira em torno de 1930 (a crise cafeeira, a revolução, o acelerado declínio do Nordeste, as fendas nas estruturas locais) condicionaram novos estilos ficcionais marcados pela rudeza, pela captação direta dos fatos, enfim, por uma certa retomada do naturalismo. E ao realismo científico e impessoal do século XIX nossos romancistas preferiram uma visão crítica das relações sociais.

No caso do romance psicológico, caíram as máscaras mundanas que empotecavam as histórias medíocres da belle époque: agora a introspecção seria feita no esteio da Psicanálise.

Socialismo, freudismo, catolicismo existencial: eis as chaves que serviram para a decifração do homem em sociedade e sustentariam ideologicamente o romance empenhado desses anos fecundos para a prosa narrativa."

O autor

Cyro dos Anjos nasceu em Montes Claros, Minas Gerais, aos cinco de outubro de 1906. Lá passou a infância e parte da adolescência. Estudou Direito em Belo Horizonte. Formado, após tentar a advocacia em Montes Claros, volta a Belo Horizonte e dedica-se ao funcionalismo público e à imprensa. Em 1946, muda-se para o Rio de Janeiro, onde se torna funcionário da Justiça e, mais tarde, Diretor do IPASE. Entre 1952 a 1955, exerceu as funções de leitor de Estudos Brasileiros no México e em Portugal. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras e morreu em 3 de agosto de 1994.

Claras são algumas influências em sua obra: destaca-se a de Machado de Assis pela ironia sutil e pela tendência digressiva do discurso narrativo, mas nela também se observam marcas de Eça de Queirós e de Aluísio Azevedo.

Sua produção reúne, além de *O amanuense Belmiro*, *Abdias* (romance), *Criação Literária* (ensaio), *Montanha* (romance) *Explorações no tempo* (memórias), *A menina do sobrado* (memórias), *Poemas Coronários* (poesia) *A normalista* (romance), *Bom Crioulo* (romance) e *Tentação* (romance). Há dois contos: *Judith* e *Lágrimas de um crente*, de 1893.

O enredo

O amanuense Belmiro é um romance escrito em primeira pessoa — tem-se, assim, um personagem-narrador. Estrutura-se como um diário que abrange cerca de um ano. A personagem central, Belmiro Borba, é solteiro, recatado e sonhador, voltado insistentemente para a reflexão.

Inicialmente funcionando como uma tentativa de resgatar o mundo do lugar onde Belmiro nasceu — Vila Caraíbas —, aos poucos a obra se transforma em um diário que registra o presente e o imenso vazio existencial do protagonista. Passa a ser um relato de sua vida, de sua relação com o dia-a-dia, com as pessoas e com seu mundo particular.

No momento em que começa a escrever seu diário, Belmiro Borba mora em Belo Horizonte, com duas irmãs, Emília e Francisquinha, e é funcionário público. Tem uma roda de amigos em que se destacam Silvano, Redelvim, Florêncio, Glicério e Jandira. Belmiro é infeliz: perto de seus quarenta anos de idade, nada registra de importante na vida. Apegado ao passado, entre reminiscências da juventude, flutua entre a "ação" e a "inércia".

O texto inicia-se com uma cena, colocando uma situação indecifrável quanto à identificação do narrador e quanto ao tema da reunião; trata-se, aparentemente, apenas de um grupo de homens bebendo chope em uma mesa de bar. O desejo de evasão, de escapismo através do álcool pode ser notado já nesse começo:

"Ali pelo oitavo chope, chegamos à conclusão de que todos os problemas eram insolúveis. Florêncio propôs, então, um nono, argumentando que outro copo talvez trouxesse a solução geral.

Éramos quatro ou cinco, em torno de pequena mesa de ferro, no bar do Parque. Alegre véspera de Natal! As mulatas iam e vinham, com requebros, sorrindo dengosamente para os soldados do Regimento de Cavalaria. No caramanchão, outras dançavam maxixe com pretos reforçados, enquanto um cabra gordo, de melenas, fazia a vitrola funcionar."

Essa reunião acontece numa véspera de Natal, no bar do Parque. Como os amigos discutem, o narrador sugere que se despeçam, para que não ocorra um desfecho desagradável; está na hora do jantar. No bonde, sente-se eufórico pelos efeitos do chope. "Para surpreender as velhas", tenta entrar em casa disfarçadamente, mas a irmã Emília, que estava no quarto com a outra, Francisquinha, ouve e resmunga: "O excomungado já vem!" O narrador resolve provocá-las e Emília o chama de doido. No corredor, Tomé, o papagaio, repete "Excomungado!" e arrepia-se todo, ensaiando uma agressão.

As duas irmãs de Belmiro passam horas no quarto grande, fazendo renda de bilro; Francisquinha não faz nada direito, mas Emília dá-lhe aquela ocupação para que ela se mantenha quieta. Não sabem comportar-se socialmente: como era impossível aos pais, o "velho Borba" e a "velha Maia", dar a elas "uma educação condigna", viveram sempre na fazenda, "como bicho-do-mato, entre o pessoal de serviço." Emília era apenas esquisita, mas Francisquinha, "perturbada de nascença", piorava a cada dia. Apesar de terem demorado a acostumar-se a viver na casa do narrador e a conviver com ele, elas lhe "encheram a vida".

Belmiro é uma personagem que busca a solução dos problemas reais no intelecto. É Natal e ele, sentado no alpendre de sua casa, vê os transeuntes e lembra-se de tempos passados; tinha frustrado os planos que o pai tinha para ele. O velho desejava que cuidasse da terra, da fazenda, mas ele seguiu outros rumos. Tornou-se um burocrata, um amanuense, a gostar de literatura (a mãe alimentava o desejo secreto de vê-lo "na carreira das letras", dizendo que ele puxara aos Maias e não aos Borbas).

Os vizinhos saem para a Missa do Galo e ele volta ao presente; cita Carlos Drummond de Andrade:

Stop.

A vida parou

ou foi o automóvel?

Já "palmilhando a terra vaga do sono", Belmiro é despertado pelos latidos do cachorro do vizinho. Enfurecido, atira um sapato velho na rua: não pretende mesmo acertar o cão, mas extravasar sua raiva. Tem "andado inquieto como uma galinha sem ninho" e quase falta à comemoração habitual de Ano Novo, na casa de Florêncio e Mariana, que põe na ceia "todo o seu estilo culinário". Comparecem Redelvim e Silvano, mas Glicério — que deve andar de namoro com a filha do chefe-de-seção de Belmiro — e Jandira — a quem Mariana olha com reservas — não estão presentes.

Já é o carnaval de 1935: dois meses se passaram desde que Belmiro começou a "registrar, no papel, alguns fragmentos" de sua vida.

Belmiro percebe o quanto sua vida é rotineira e insignificante e conclui que há nele um homem que sofre e um que "analisa e estiliza esse sofrimento", registrando-o no papel: "*O homem espia o homem, inexoravelmente*".

Saindo à rua, Belmiro é arrastado por um cordão de foliões e acaba entrando no salão de um clube. Já "alto" pela bebida e pelo éter que cheirara, tem a imagem de uma moça (Carmélia) que associa a Camila, uma namorada de infância (o mito de Arabela). Passa por uma fase de "aura romântica" e escreve pouco:

"Depois da quarta-feira de cinzas veio-me uma aura romântica que me pôs meio lunático, trazendo-me dias agitados."

Belmiro pretende retomar suas anotações e é surpreendido pelas doenças das irmãs: Emília, com crise de gota ciática e Francisquinha, com o agravamento de sua loucura.

Passados os piores dias, volta a escrever. Revê, à janela de uma casa, a moça do carnaval, e fica transtornado. Sua amiga Jandira o visita e espanta-se com sua "cara de alma de outro mundo".

Apaixonado, Belmiro tenta escrever um poema. Jandira consegue um emprego e o grupo de amigos vai comemorar em sua casa. Belmiro demora-se ao fim, porque Jandira pede-lhe que fique, para conversarem: conta-lhe que um velho rico a pedira em casamento e que não pretende aceitar, mas está cansada de não ter nenhum apoio e só contar consigo mesma. Precisa de um homem, "com urgência". Belmiro diz-lhe que ela ainda é jovem e bonita, e na despedida ela o chama de "analgésico", o que o faz refletir depois.

Belmiro não pensou mais em Carmélia — Arabela —, desde a reunião de Jandira. Mas, lendo o jornal, vê o anúncio da missa de trinta dias do pai dela e volta à paixão.

Chega o dia de São João e ele vai a uma fogueira; lembra-se de outra festa passada e conversa com o tempo. Resolve tentar chegar a Carmélia através de Glicério, que frequenta pessoas da alta sociedade. Vão à casa de um senador — o senador Furquim, protetor de Glicério — para jogar pôquer e Belmiro isola-se num canto, para refletir; chega à conclusão de que o tempo é inexorável.

Glicério vai passar uma semana fora, no Rio de Janeiro, e isso incomoda Belmiro, porque lhe dificultará ainda mais receber informações sobre Carmélia. Até aqui, não tivera coragem de contar a Glicério sobre sua paixão, e fica esperando receber algum tipo de informação ao acaso. Na ausência do amigo, Belmiro vai à casa de Silviano; Joana, a esposa, diz que ele não está e Belmiro fica aguardando-o. Folheia alguns livros e descobre o diário do amigo; lê e conclui que Silviano é estranho e complexo.

Silviano chega, alegre de chope, e conversam.

São vinte e cinco de agosto, aniversário de Belmiro: faz 38 anos. Num balanço de sua vida, conclui que o saldo é bem negativo. O jantar é festivo: Emília preparou peru, como é costume da família nos aniversários, há vinho do Rio Grande e ela não coloca o papelão que usa às refeições, para não ver Belmiro. Ele se sente feliz e comovido. Os amigos chegam e a comemoração continua com uísque e cerveja.

O narrador tece comentários sobre uma conversa com Redelvim, envolvido em atividades políticas, que o critica por pensar apenas em sua pele de amigo, e não no movimento. Belmiro conclui que Redelvim parece mais anarquista que comunista.

Glicério volta e espanta-se com a mudança de atitude de Belmiro, que tinha sentido diminuir seu interesse por Carmélia e por isso se afasta um pouco do amigo.

Reaproximam-se e Belmiro conta-lhe a história de sua paixão, surpreendendo o amigo, que lhe diz que, se soubesse, já o teria levado à casa da moça, uma jovem de muitas qualidades. O narrador responde-lhe que já não está tão entusiasmado e o amigo diz que, se mudar de ideia, é só falar com ele.

Belmiro procede a várias digressões sobre a vida, sobre seu passado, sua família e o tempo.

Francisquinha piora e Belmiro a interna no Instituto dos Alienados, atitude que só toma quando o estado dela fica insustentável. Sua vida volta à rotina do escritório e encontros com os amigos. Glicério, que tem frequentado a casa de Carmélia, fala sobre ela ao narrador e diz-lhe que Carmélia pediu para levá-lo à sua casa qualquer hora. Belmiro finge interesse e ansiedade.

Francisquinha volta para casa, mas tem uma recaída e sai quase nua, numa madrugada de chuva. Morre uma semana depois, de pneumonia. Emília cuida de tudo e revela ter grande força moral; consola-se dizendo que Deus chamou a irmã. Belmiro passa por uma fase em que as imagens de Carmélia e Camila se misturam em sua cabeça.

Redelvim está preso e incomunicável, Belmiro fica sabendo por Jandira. Os dois vão à delegacia falar com o delegado e este pede a Belmiro que retorne sozinho, advertindo-o de que de nada lhe adiantará fugir. Belmiro vai à delegacia, conforme combinado e o delegado o elogia por sua pontualidade e sensatez; ele fica sabendo que fora seguido e observado. O delegado o retém para que vasculhem sua casa em busca de algo suspeito, já que ele, sem saber do que se tratava, uma vez tinha levado uma encomenda a Redelvim: eram livros extremistas. Ele pede ao delegado que a busca seja feita pelo investigador Parreiras, conhecido seu, para não assustar Emília.

Às onze da noite, Belmiro é levado ao delegado, que está com seu diário nas mãos: é sua salvação, pois o que estava escrito ali o livra de qualquer suspeita. O delegado entrega-lhe o diário e dispensa-o, aconselhando-o a ser mais direto e menos platônico. Pede-lhe que, se um dia publicar suas memórias, mande um exemplar.

Em dezembro, Belmiro vê no jornal a notícia do próximo casamento de Carmélia e Jorge. Glicério está despeitado, mas Belmiro o distrai. O amigo Silviano, casado com Joana, confia-lhe que está de caso com uma nova conquista.

Depois de dois meses, Belmiro vai visitar Jandira. É recebido friamente e apresentado às outras pessoas que estão lá jogando cartas. A amiga não lhe pergunta de Redelvim, e ele sente que ela está abandonando o grupo. Fica sabendo, por Glicério, que o namoro de Carmélia e Jorge vem da infância e que o casamento é para logo.

Redelvim é libertado. Belmiro vai à casa de Jandira, que fica contente com a notícia. Em 21 de dezembro, o amigo o procura para agradecer-lhe o apoio. O narrador vai à formatura de Glicério, que não sabe o que vai fazer com seu diploma. Passa-se o Natal como sempre, sem novidades. O narrador conta que agora tem mais um amigo: Carolino, que lhe frequenta a casa e se fizera íntimo de Emília. Pensa em ir ao Rio de Janeiro.

Já no Rio, Belmiro encontra um homem que conhecera na casa de Jandira e conversam; ele conta que desistira da moça: "Dei o fora. Deixei-a com suas literaturas..." Belmiro assiste à partida dos noivos Carmélia e Jorge e questiona-se sobre a verdadeira razão de sua vinda ao Rio. De volta a casa, constata que era melhor não ter saído: é lá que está a verdade. Nada mudara naqueles doze anos, apenas a ausência de Francisquinha se faz sentir; tudo está no seu lugar. Conclui que deveria conformar-se com isso.

Glicério avisa que vai sair da repartição, porque seu protetor, o senador Furquim, arrumara-lhe uma comissão com o Advogado Geral do Estado. Belmiro lamenta, pois já está acostumado a ele. Termina o capítulo com a constatação de que só ele permanece como está, enquanto os outros mudam.

Do grupo inicial de amigos, permanecem apenas, além de Belmiro, Florêncio e Silviano: Jandira afasta-se cada vez mais e Redelvim voltou às suas atividades. O narrador conclui que já não tem o que escrever. Vai à casa de Jandira e constata que, embora ela tenha mudado muito, continua interessante e desejável. Pensa em propor-lhe casamento, mas desanima:

"Ora, que tolice! Alguém me quer? Quem poderia casar-se comigo morreu há anos em Vila Caraíbas."

As personagens principais

- **Belmiro Borba:** é o protagonista, personagem-título do romance. Amanuense, funcionário público, faz trinta e oito anos no decorrer da história. É alto e magro, muito tímido, embora se mostre atrevido durante as brincadeiras e conversas maliciosas. Não tem religião nem partido político, e sua vida amorosa é um verdadeiro fracasso. Vive com duas irmãs, uma das quais é louca. Belmiro assiste " vida sem, no entanto, viver realmente: dá a impressão de que nasceu para observar e registrar suas observações, e não para vivê-las."

- **Emília:** uma das irmãs de Belmiro, vive com ele e é uma pessoa dura, seca, áspera, embora o narrador pense que por baixo de tudo ela deve ter um coração afetuoso. Tem o hábito de chamar o irmão de excomungado e de pôr um papelão entre eles durante as refeições, para não vê-lo.
- **Francisquinha:** é a irmã louca de Belmiro, que acaba sendo internada em um hospício. Belmiro e Emília gostam muito dela, apesar do trabalho que têm em suas crises.
- **Jandira:** é uma mulher liberal e independente: pertence à roda de amigos de Belmiro e é respeitada por eles. Intelectual, socialista, tem vinte e cinco anos e vive com uma tia, Hortênsia.
- **Silviano:** amigo da roda de Belmiro, é casado com Joana. É também um intelectual; professor, vive à procura de meninas.
- **Florêncio:** também um amigo da roda de Belmiro, é um pequeno-burguês que não costuma opinar durante as discussões do grupo.
- **Glicério:** colega de Belmiro na repartição, torna-se seu amigo. De boa família, é refinado e tem boas relações sociais, conhecendo, inclusive, Carmélia, por quem o narrador julga apaixonar-se.
- **Carmélia:** é uma jovem que Belmiro conhece durante uma noite de carnaval e provoca-lhe um grande "estado de paixão". Casa-se, no entanto, com outro rapaz, Jorge.

O foco narrativo

O foco narrativo é em primeira pessoa, sendo o narrador o protagonista da história, que a estrutura sob a forma de um diário. O tom é de confiança e, às vezes, desabafo. Os capítulos, muitas vezes curtos, assemelham-se a crônicas.

O tempo

Há predomínio do tempo psicológico sobre o tempo físico, cronológico, pois o narrador mais observa a vida e reflete sobre ela do que propriamente a vive. Além disso, tem profunda saudade do passado e fala sobre ele. Apesar da estrutura de diário, muitas vezes o tempo cronológico — embora apareça registrado — não tem importância.

O espaço

No romance predomina o espaço urbano, principalmente Belo Horizonte, embora muitas vezes Belmiro se volte para o passado na zona rural.

O estilo

O estilo de Cyro dos Anjos nesta obra tende ao digressivo, remontando a Machado de Assis: predomina a ação interior, psicológica, comentada pelo narrador com o leitor de seu "diário". A linguagem é elegante, refinada, envolvente e muitas vezes poética, marcada pela concisão.

Atividades

Belmiro pretendeu narrar um tempo passado, através de episódios que se fixaram em sua memória; porém, modificou o projeto. Qual a razão dessa mudança?